



Os Xetá

Gustavo Anderson¹

“Portanto, este resquício da Idade da Pedra em breve terá de enfrentar a civilização da Era Atômica. O contato com essa civilização será fatal para estes sobreviventes de dias passados, e a menos que a região da ‘Serra dos Dourados’ seja declarada uma reserva, a tribo irá morrer sem glória, como consequência da respiração impiedosa da civilização levada avante pela raça branca” [tradução nossa].

José Loureiro Fernandes²

Os Xetá (Héta ou Setá), que também são identificados como Botocudos segundo relatos de viajantes do século XIX e demais documentos antigos sobre populações indígenas do estado, compõem um grupo étnico indígena que habitou uma região do noroeste paranaense conhecida como Serra dos Dourados, cujos aldeamentos estendiam-se pelas margens do rio Ivaí e seus afluentes, território onde hoje estão instalados municípios como Cruzeiro do Oeste, Douradina, Umuarama e Icaraíma, entre outras municipalidades limítrofes. A língua Xetá pertence ao tronco linguístico Tupi-guarani, com proximidade dialetal ao Guarani, principalmente ao léxico e à fonética Mbyá.

Lamentavelmente, após a década de 1940, esta população indígena passou por um processo de degradação cultural e um período de repressão sem precedentes na história do Paraná, quando esteve em contato com a sociedade nacional no momento em que esta última alargava suas frentes industriais agricultoras de modo desenfreado. Fomentado principalmente pela expansão da cafeicultura, o atropelamento progressista realizado pelos novos colonos dessas terras culminou num dos maiores etnocídios recentes registrados no país: assassinatos em massa praticados por grupos de extermínio, ameaças, espoliações, expropriações, sequestros, torturas e estupros, orquestrados pelos grandes latifundiários dessa região. O resultado deste genocídio é evidente quando em 1999 uma pesquisa censitária do contingente populacional indígena do Paraná contabilizou apenas 20 remanescentes que se autoidentificavam como Xetá.

Até este índice demográfico tardio dos Xetá, nenhuma grande medida havia sido tomada pelas autoridades públicas do estado, embora ela tenha sido reivindicada muito tempo antes por José Loureiro Fernandes, um dos fundadores do Círculo de Estudos Bandeirantes. A comissão de pesquisadores da Universidade Federal do Paraná chefiada por Loureiro, composta junto ao fotógrafo Vladimir Kozák e ao linguista Aryon Dall’Igna Rodrigues, teve o primeiro contato com esses índios, àquela época tidos como a mais genuína cultura primitiva intocada pela dita civilização ocidental, em 1956. Além do desenvolvimento da pesquisa etnográfica, a situação preocupante dos Xetá suscitou o engajamento de Fernandes em prol dos direitos deste grupo étnico, pelo qual lutou incessantemente, visando a demarcação de uma terra indígena que os protegesse. Nesse ínterim, inspirado no caso de sucesso do Parque Indígena do Xingu, Loureiro foi à tribuna legislativa na intenção de criar o Parque Florestal da Serra dos Dourados, que até foi aprovado num primeiro momento em assembleia,

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná — UFPR. Mestrando em Antropologia pela UFPR. Estudioso da vida e da obra de José Loureiro Fernandes.

² *Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*, 1959.

porém, logo em seguida, foi vetado pelo governo do Estado. Mesmo com o apelo de José Loureiro por meio de veículos midiáticos, tais como jornais paranaenses, nacionais (jornal O Globo) e até mesmo internacionais (revista americana *Time*), os esforços não alcançaram o resultado pretendido. Nenhuma autoridade governamental nem a entidade responsável pela questão indígena (SPI e posteriormente FUNAI) mobilizou-se suficientemente enquanto os Xetá eram massacrados. Depoimentos de conhecidos de Loureiro, inclusive, afirmam que o próprio pesquisador dizia que este insucesso em proteger os Xetá fora a maior frustração de sua vida.

De lá para cá, os Xetá remanescentes buscam reaprender a língua materna que quase deixou de ser falada após esta diluição cultural forçosa e hostil a que foram submetidos durante o período de alteridade radical com a sociedade nacional. As novas gerações dos Xetá aprendem a língua com os sobreviventes mais velhos que ainda sabem falá-la, além de se debruçarem sobre o vasto material linguístico e histórico, acrescido pelas pesquisas etnográficas, para reafirmação de sua identidade e cultura.

Referências

FERNANDES, José Loureiro. The Xetá: A Dying People in Brazil. *Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*, Viena, n. 2, pp. 22-25, 1959.



Figura 1 — Índios Xetá. Vê-se um homem Xetá com adorno labial em forma de T diante de um tronco aberto, possivelmente de onde se proviam de larvas de besouro (coró)
Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.



Figura 2 — Índio Xetá experimentando açúcar pela primeira vez
Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.



Figura 3 — Índia Xetá com ave de rapina
Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.



Figura 4 — Índia Xetá confeccionando cestarias
Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.



Figura 4 — Índia Xetá amamentando, carregando a criança em suporte de trançado de fibras vegetais usado a tiracolo
Fonte: Acervo do Círculo de Estudos Bandeirantes.